



“A Universidade é uma potência”

Eleitos no primeiro turno em abril, a nova reitora e o novo vice-reitor, professores Marta Favaro e Airton Petris, assumem a administração da melhor universidade estadual do sul do país para o período 2022-2026, avaliam prioridades

e desafios, defendem a modernização da gestão e novas dinâmicas de trabalho, e apostam numa construção coletiva que envolva toda a comunidade universitária.

Págs. 4 e 5

Projeto do Atlas Linguístico publica novos volumes

As edições trazem cartas e estudos, avançando na investigação sobre o falar nas capitais brasileiras.

Os mapas do interior já estão no horizonte

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

O projeto ALiB (Atlas Linguísticos do Brasil), que na UEL é coordenado pela professora Vanderci Aguilera (Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas), publicou dois novos volumes – o terceiro e quarto da série, trazendo cartas (mapas) e estudos sobre o falar brasileiro em quase todas as capitais.

A publicação dos Atlas é a materialização de uma ideia e um compromisso nascidos no Simpósio Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística, realizado em Salvador, em 1996. Segundo conta a professora Vanderci, entre 1997 e 2001 foi definida a metodologia e os questionários foram montados e testados. O primeiro volume apresentou parte da história da construção do ALiB, a metodologia seguida, com destaque para a rede de pontos, os questionários e os informantes. O Volume 2 trouxe resultados das 25 capitais brasileiras objeto da pesquisa. Palmas e Brasília, por razões metodológicas (são novas), não foram incluídas. O terceiro trouxe estudos sobre os mapas do segundo volume.

Vanderci conta que a equipe da UEL trabalhou muito. Encarregados de fazer o levantamento de dados no Paraná (17 pontos), São Paulo (32 pontos) e Amapá (2 pontos), os oito professores e estudantes então envolvidos no projeto acabaram visitando outros nove estados em busca de informações: Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina,

Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul, Amazonas, Roraima e Rio de Janeiro. Foram praticamente 113.800 km percorridos, ou seja, o equivalente a quase três voltas em torno da Terra.

O Volume 4, recém-lançado, traz mais cartas, com verbetes não explorados, obtidos em capitais do país, como vestuário, meio urbano e cozinha/alimentação. O quinto volume traz mais estudos, e o sexto, ainda em elaboração, trará novidades: resultados de entrevistas realizadas no interior do país, em 225 localidades (pontos), com quatro informantes cada, ou seja, 900 entrevistados. Além do Atlas e dos estudos, Vanderci informa que o projeto publicou oito Documentos – publicações com mais estudos – e seis volumes com trabalhos de alunos de graduação (Iniciação Científica), reunidos num CD.



A professora Vanderci e sua equipe de pesquisadores percorreram quase 114 mil quilômetros para conhecer o falar brasileiro



O projeto lançou vários volumes do Atlas Linguístico Brasileiro e outras publicações com estudos

BANANAS, LIBÉLULAS E GALINHAS

Naturalmente, os estudos recém-publicados demonstram a riqueza da variedade linguística brasileira e dão pistas de sua origem. Entre os artigos, um trata das variações lexicais (diferentes nomes) da “penca” de banana. Ou melhor, “penca” nas regiões Sul e Centro-Oeste e em Sergipe, porque nos estados do Norte ela é chamada de “palma” ou “concha”. E ainda tem o “cacho”, que nas região Sul é outra coisa.

Outro estudo é sobre os diferentes nomes da libélula, que recebe mais de 30 denominações Brasil afora. Lá no Norte, é chamada de Jacinta. No Nordeste, zigue-zigue, em razão de seu movimento aéreo. No Rio Grande do Sul, Macapá e Belém, é “cigarra”, provavelmente pelo formato, semelhante a um cigarro. Já em Aracaju, Vitória, Goiânia e Curitiba, o inseto é conhecido como “bate bunda”, provavelmente porque vive se encostando na água.

Já a galinha de angola recebe este nome em parte dos estados do Centro-Oeste e no Paraná, mas em Florianópolis e Porto Alegre é conhecida como “angolista”. Em Salvador é saqué, e em São Luís é catraia. No Ceará, Piauí e Acre, é capote. Mas em outros estados do Nordeste é “tô fraco”. Em Vitória é galinhola. No total, são mais de 10 denominações.

E o famoso “bicho da goiaba”? No Sul, é conhecido como larva, mas o que predomina é “bigato”. No Norte, porém, tem uma denominação bem indígena: “tapuru”.

OUTROS PROJETOS

Além do ALiB, a professora Vanderci tem desenvolvido outros projetos. Dois deles já foram finalizados. Um, dentro da Linguística Histórica, investigou a História do Português Paranaense, a partir de manuscritos dos séculos XVII, XVIII e XIX. O corpus coletado rendeu uma série de dissertações, teses e outras pesquisas e publicações.

O segundo projeto, em parceria com pesquisadores da Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), tem o objetivo de constituir um grande banco de dados de variação de três línguas: galego, português europeu e português brasileiro. A equipe da UEL trabalhou 10 anos em 20 obras paranaenses, dentro dos estudos dialetológicos, produzindo uma catalogação e realizando apresentações do trabalho em eventos científicos.

Paralela e continuamente, são produzidas teses e dissertações no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL). A professora Vanderci conta que tem se tornado comum que pesquisadores de outras áreas procurem o Programa, o que só enriquece os estudos linguísticos. Há mestrandos ou doutorandos de Estatística, Informática, História, Sociologia, Geografia, entre outros. “Precisamos de todos. De tudo o que o homem necessita, a língua necessita, ela não é isolada”, comenta.

Quem quiser saber mais sobre o ALiB pode pesquisar no site do projeto: <https://alib.ufba.br/>.

Expediente



Reitor: Sérgio Carlos de Carvalho
Vice-Reitor: Décio Sabbatini Barbosa



UEL – Campus Universitário – C.P. 6001
CEP 86051-990 – Londrina, PR
Contato: (43)3371-4361 e (43)3371-4115
noticia@uel.br

Coordenador: Sérgio Henrique Gerelus
Chefe da Divisão de Jornalismo: Mirian Peres da Cruz
Editor: José de Arimathéia
Redação: Beatriz Botelho, Willian C. Fusaro
e Pedro Livoratti

Diagramação/Editoração: Moacir Ferri
Fotógrafos: Daniel Procopio e Gilberto Abelha
Projeto Gráfico: GráficaUEL
Impressão: Folha de Londrina
Tiragem: 2.000

Estudo interdisciplinar diagnostica problemas em rio da região

A pedido da Prefeitura de Rolândia, pesquisadores de três áreas analisam qualidade da água do Ribeirão do Ema, que abastece 70% da cidade

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Em 2019, a Prefeitura de Rolândia (região metropolitana de Londrina), através de sua Secretaria de Meio Ambiente, procurou a UEL para solicitar um estudo da qualidade da água do ribeirão do Ema (também conhecido como Água do Ema), o curso d'água responsável por 70% do abastecimento daquela cidade. Boa parte dos outros 30% são supridos por poços artesianos. A Companhia de Saneamento do Paraná (Sanepar) também se envolveu na iniciativa.

O ribeirão apresenta três nascentes, perto da divisa entre Rolândia e Araongas e deságua no Bandeirantes, na bacia do Pirapó, este que por sua vez tem sua foz no Paranapanema. É um rio que cruza o perímetro urbano e está numa área de relevo acidentado, rico em declives, o que contribui para receber todo tipo de resíduos, naturais ou antrópicos, apesar da mata ciliar existente. De acordo com o coordenador do estudo que diagnostica os problemas do Ema, professor Weliton José da Silva (Departamento de Biologia Animal e Vegetal) o regime de chuvas que tem se verificado na área mostra menos eventos e mais força, ou seja, temporais, ventanias e pouca precipitação.

Com a suspensão das atividades na Universidade em razão da pandemia, o trabalho foi prejudicado e retornou efetivamente em janeiro deste ano. Todo o plano de trabalho foi definido numa primeira fase, e o projeto, inicialmente previsto para durar três meses, dada a urgência da demanda, está sendo estendido por mais três. Sua segunda fase, vigente, consiste em viagens de campo, coletas e as primeiras análises. As "coletas biológicas", segundo o coordenador, ainda serão feitas. O professor explica que o estudo conta com a participação de cinco professores, de três áreas: Biologia, Química e Geociências. Além dele, que fará estudos botânicos, especialmente algas, outros de sua área vão investigar os peixes e os invertebrados aquáticos.

O principal problema aparente detectado foi a turbidez da água, ou seja, sua opacidade ou falta de transparência. De fato, o estudo já comprovou que a turbidez é alta. "A água tem textura de lama mesmo", comenta o professor Weliton. Existe tratamento para provocar a decantação das partículas sólidas, mas o Ema tem outro problema: a alcalinidade da água. Este e outros fatores obstaculizam ou impedem o tratamento. O alto PH da água pode ser fruto de condições naturais ou da prática de aplicar cal no solo – isso ainda será determinado pelo estudo. O uso do solo pelo ser humano é outro fator importante – na região há plantações de cana, eucalipto, hortaliças e pastos, ou seja, atividade pecuária.

Por correr entre declives, o Ema recebe todo tipo de resíduos, naturais ou não, como terra, galhos e folhas, água da chuva, fertilizantes, fezes de animais, etc. O relevo também colabora para o processo de erosão. "Encontramos uma voçoroca de um metro e meio de profundidade, e dentro da mata ciliar", relata Weliton. Eis outro problema já constatado: existe

mata ciliar (embora não em todos os pontos) mas ela nem sempre está de acordo com a legislação e é insuficiente para segurar ou drenar todo o material que recebe. Além disso, conforme o professor, a mata ciliar deve ser constituída de espécies nativas, e foram encontrados, por exemplo, eucaliptos. Uma maior cobertura vegetal seria, segundo ele, uma solução para vários problemas.

O constante recebimento de resíduos sólidos leva a outro problema: o assoreamento, já verificado também. O Ema tem leito argiloso. Por sua vez, este fenômeno desencadeia uma série de outros, como cheias e inundações. Além disso, peixes que necessitam de certa profundidade para viver abandonam a região. Com eles, vão algumas espécies de aves e outros peixes. Quem também é afetado pela turbidez são as algas. Como precisam de luz para fotossíntese, elas podem desaparecer e dar lugar a bactérias, muitas vezes nocivas. "Certas algas são indicadores da boa qualidade da água", conta o professor.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

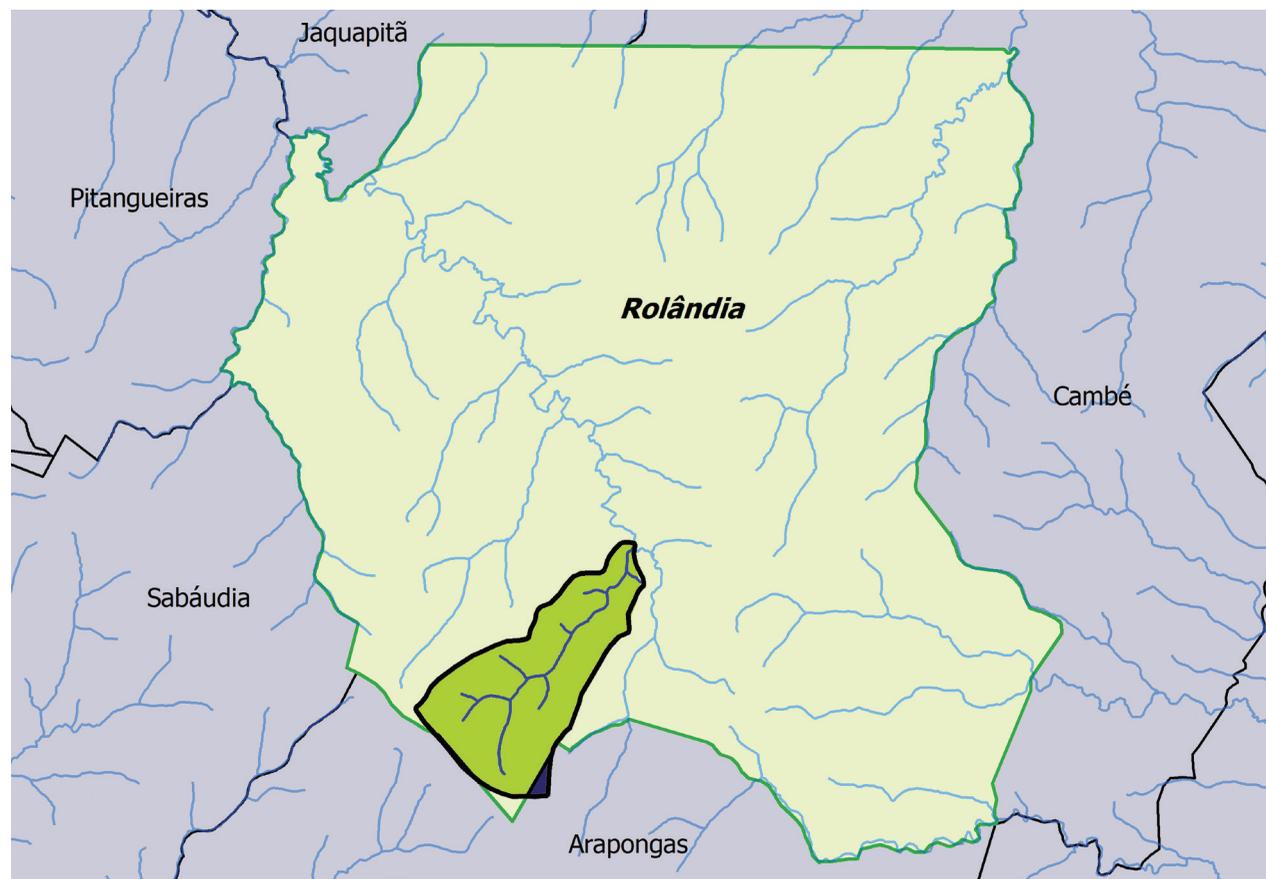
Outra dimensão do projeto é a educação ambiental, uma fase futura, dirigida a toda a população de Rolândia, e que é de interesse da Prefeitura. Weliton defende a disseminação de conhecimentos, de conceitos como a biodiversidade e consumo adequado de água, e de ideias como a de que os ambientes são conectados e interdependentes. Os produtores rurais também são importantes: "Alguns produtores não, mas vários têm a consciência de que devem preservar, e mostraram certos cuidados que possuem na propriedade", relata o pesquisador.



"Vários produtores têm a consciência de que devem preservar, e mostraram certos cuidados que possuem na propriedade", afirma o professor Weliton

Existem estudos anteriores a este coordenado pelo professor Weliton. Uma pesquisa de Mestrado da UEL, desenvolvida no mesmo ribeirão e concluída em 2009, chegou a um diagnóstico similar e apontou ações corretivas. Weliton conhece o estudo e afirma que neste tempo os problemas devem ter acentuados. A população de Rolândia, por exemplo, deve ser expressivamente maior, e de lá para cá a região enfrentou algumas cheias e outras fortes intempéries.

O projeto é tripartite e envolve a UEL, a Prefeitura de Rolândia e a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da UEL (FAUEL), que concedeu recursos de 84 mil reais ao projeto. Além dos cinco docentes, participam oito estudantes de graduação.



Ribeirão da Ema (área em destaque)

Nova Administração planeja gerenciar estrutura funcional e de recursos humanos para crescer na crise

Nova reitora e novo vice-reitor enumeram as prioridades, fazem uma avaliação dos impactos da Lei Geral das Universidades (LGU) e sinalizam para a construção de um trabalho coletivo

PEDRO LIVORATTI

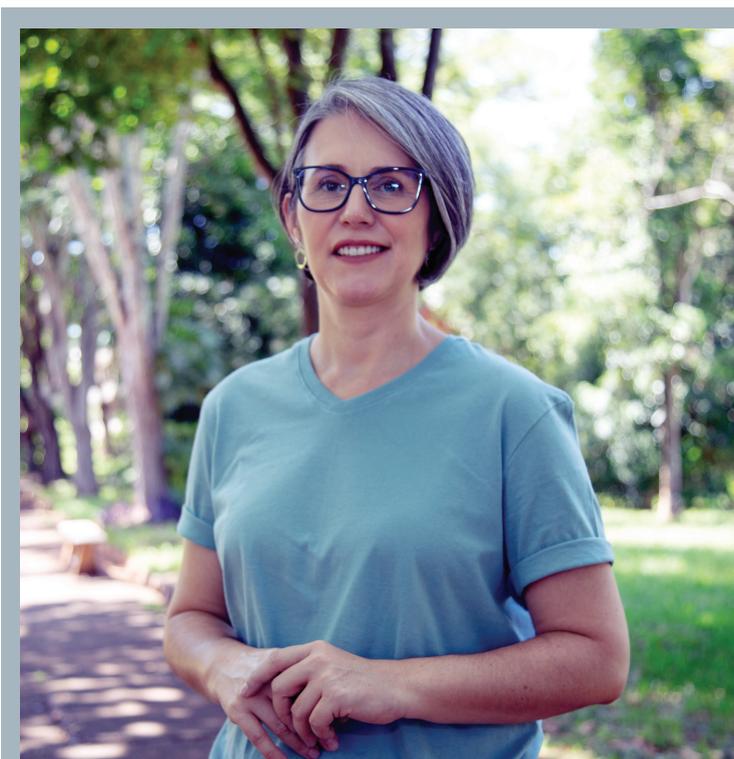
A chapa Mais UEL, eleita em primeiro turno nas eleições diretas da UEL em abril passado, toma posse essa semana (9) para um mandato de quatro anos. A consulta pública foi realizada pela primeira vez de forma online e reuniu quatro chapas, um dos pleitos mais concorridos nos últimos 12 anos. Na semana da posse, o **Notícia** buscou ouvir a reitora eleita, Marta Favaro, e o vice-reitor, Airton Petris, sobre os planos e as expectativas neste início de trabalho.

A equipe de pró-reitores está definida, com a manutenção de apenas um nome. Os demais selecionados são conhecidos por terem participado da administração anterior, além de incluir um diretor de Centro. Nesta entrevista, Marta e Airton enumeram as prioridades, fazem uma avaliação dos impactos da Lei Geral das Universidades (LGU) e sinalizam para a construção de um trabalho coletivo, amparado no apoio de professores, agentes universitários e estudantes.

NOTÍCIA – Gerir a Universidade é um desafio para qualquer gestor. Os números são impressionantes – mais de 4,2 mil professores e servidores, mais de 15 mil estudantes de graduação e pós-graduação e um orçamento previsto de R\$ 895 milhões para este ano. Como estabelecer prioridades?

MARTA – São muitas as prioridades, temos desafios grandes. A começar pela organização da nossa estrutura relacionada ao quadro funcional, por conta da parametrização apresentada pela Lei Geral das Universidades (LGU), aprovada no ano passado. E temos outros muitos desafios, difícil até de enumerar porque com nosso orçamento temos de manter todas as atividades.

Precisamos manter toda a estru-



A reitora Marta Favaro: “Temos de continuar fazendo nosso papel, produzindo conhecimento, ciência, prestando serviços, formando bem os nossos profissionais”



“Agora precisamos identificar demandas para estabelecer um planejamento que atenda essas necessidades”, afirma o vice-reitor Airton Petris

tura física de laboratórios. Estamos em um processo de reformulação dos nossos cursos. E em função dos impactos da pandemia, é fundamental fortalecer a presença, a permanência dos nossos estudantes na graduação e na pós-graduação. Temos a preocupação de preencher todas as vagas oferecidas por meio do Vestibular. Na pós-graduação, Lato sensu e Stricto sensu, temos de fortalecer a relação para que os alunos nos procurem e permaneçam conosco durante todo o processo de formação.

Paralelamente é necessário reestruturar nosso fazer, os fluxos e processos institucionais. Temos um quadro funcional experiente mas com muitas pessoas em processo de aposentadoria, sem uma reposição imediata dessas vagas. É preciso manter a Universidade viva.

Há ainda outro desafio, manter todas as atividades dos órgãos suplementares e de apoio. Isso demanda observar também o quadro de funcionários para prestar um serviço à comunidade. Estou falando de alguns desafios debatidos durante a campanha que teremos que trabalhar, priorizar e que terão desdobramentos.

AIRTON – a gestão da Universidade

precisa considerar a modernização da administração do trabalho e dos processos. Vamos precisar adotar novas práticas de gerenciamento em cada setor. E eventualmente pensar em reformas. Há necessidade de fazer trabalhos por projetos, enfim teremos de trabalhar em um modelo de gestão diferente deste que temos.

É uma nova forma de gerenciar pessoas e processos. E se quisermos modernizar, criar uma mecânica melhor de gestão teremos de alterar inclusive a forma de fazer essa gestão. Enfim, são esses os desafios que estão colocados.

NOTÍCIA – A UEL vive um momento de transição? Nestes 50 anos trabalhamos com um efetivo de pessoal suficiente. Agora passamos a não contar com os cargos de que dispomos. É uma readequação do serviço público, novos tempos?

MARTA – Eu não sei se é readequação a novos tempos, pois estamos vivendo uma herança histórica. A não reposição funcional não é de agora. Ela está potencializada agora porque não tivemos há algum tempo essa reposição do quadro de agentes universitários e de docentes. E estamos diante de

uma estrutura que cresceu com novos cursos, novas vagas, vários cursos do *Stricto sensu*, sendo que a reposição de pessoas não aconteceu.

Isto nos coloca à frente de um limitador. Estamos lidando com essa consequência que se acumulou ao longo dos anos e que exige obviamente ajustes internos. Quando você tem uma LGU aprovada, mesmo diante das nossas contestações, com todo o movimento que fizemos de proposição e de tentativa de negociação para uma parametrização diferente, esse diferencial não foi considerado adequadamente. E isto vai nos fazer, sim, trabalhar essa transição. Vamos ter de pensar dentro dessa estrutura tendo, ao mesmo tempo, um movimento de negociação junto ao governo, na tentativa de alteração desses parâmetros para sobreviver.

E não só isso. Precisamos manter as atividades e crescer na crise. Há a necessidade de um movimento interno, de estudo para expandir mesmo com os problemas. Temos de nos adaptar às condições. Isso será necessário inclusive para que a gente possa negociar a revisão dos parâmetros.

(Continua na Pág. 5)

AIRTON – Uma pergunta importante é: como mudar esses processos de trabalho? Para que realidade? Como uma Universidade como a nossa, preocupada com formação, capacitação e qualificação vai se comportar? Isso exige novas práticas. Mas ainda trabalhamos dentro de uma realidade mais conservadora. Por isso que entendo que este cenário de não reposição vai exigir mudanças nos processos de trabalho considerando ferramentas tecnológicas para termos mais agilidade administrativa. Sem essas adaptações, não teremos novas dinâmicas. Esse é um grande desafio.

Nossa estrutura, nosso organograma está estabelecido há bastante tempo, há uma cultura. E agora estamos necessitando mudar o jeito de fazer. A principal dificuldade é mudar a cultura das pessoas e qualquer mudança organizacional passa por esse desafio. A Universidade hoje tem um perfil tecnológico por excelência com muita pesquisa e isso exige uma gestão diferente do tradicional. Em resumo, lidamos com pessoas e elas têm de entender o contexto que a Universidade está vivenciando hoje.

NOTÍCIA – *A cada mudança de gestão vem a tradicional cobrança, como melhorar a interação e o relacionamento com a sociedade? O que pensam sobre isso? Que propostas vocês defendem para intensificar esse diálogo?*

MARTA – Nós já nos relacionamos intensamente com a sociedade porque recebemos os estudantes e os formamos. Um dos aspectos que precisamos considerar é que esta relação vai melhorar quando potencializarmos – e fazemos isso de forma competente – a formação que oferecemos na graduação e na pós-graduação.

Nós também mantemos uma relação estreita com a sociedade por meio das ações extensionistas. E olha que a UEL tem os seus braços estendidos sobre a comunidade. Estamos espalhados em todos os espaços. Mas talvez tenhamos de ampliar isso. A acreditação da extensão é uma realidade que começa a se materializar na graduação e que vai exigir gradativamente até 2024, 2025.

De outro modo já participamos ativamente das governanças, de conselhos consultivos de várias áreas. Nós temos atividades estabelecidas com associações. Penso que teremos de intensificar esse trabalho. Nossos professores são solicitados para atender em diferentes espaços e demandas. Penso que precisamos nos fazer ver mais. Mostrar nossa articulação com os diversos setores. A comunidade precisa nos enxergar como parceiros pelas prestações de serviços que

fazemos. É intensificar esses laços. Potencializar esses canais.

AIRTON – De forma sistemática, do ponto de vista de assistência e da prestação de serviço, a gente atua complementarmente no sistema de saúde por meio do HU, HV, COU e da Farmácia Escola. Do ponto de vista de serviços, os projetos de extensão têm um papel tão importante, mas que não está claro para o conjunto da sociedade. Isso precisa ser demonstrado.

Na pesquisa e na inovação, temos uma política institucional estabelecida e diversas parcerias. Estamos em um momento interessante de novas patentes. Tudo isso representa uma relação intensa com a sociedade. Agora precisamos identificar demandas para estabelecer um planejamento que atenda essas necessidades.

NOTÍCIA – *Relacionamento com o governo. Como convencer as esferas municipal, estadual e nacional sobre a importância estratégica da Ciência?*

MARTA – Temos de continuar fazendo nosso papel, produzindo conhecimento, ciência, prestando serviços, formando bem os nossos profissionais. Talvez reforçar nosso discurso de que estamos fazendo. O convencimento ocorre quando você consegue mostrar o que é feito. A outra parte tem de estar aberta a compreender, sem dúvida. É uma relação.

Agora, cabe a nós fazer o nosso papel. E levar a todas essas esferas o

resultado desse trabalho, evidenciando o quanto a UEL é importante nas áreas cultural, econômica, na prestação de serviços e na formação de recursos humanos qualificados. Isso traz impactos para Londrina e região e para todo o estado. Aliás, o nome do Paraná vai para outros espaços com cada profissional formado. É fortalecer a demonstração desses resultados para que todos percebam o quanto somos fundamentais dentro do ecossistema político e econômico.

E essa relação com o governo nós assumimos como compromisso desde o início da campanha. De termos um partido, a UEL. Pretendemos levar esse recado a todos os espaços possíveis, de tudo aquilo que fazemos e realizamos. Esperamos que nos ouçam e apoiem, a Universidade é uma potência.

AIRTON – Penso que esse convencimento passa por uma sensibilização da missão da Universidade que qualifica as práticas de trabalho e mercadológicas. Essa é a nossa capacidade. A gente tem de demonstrar isso claramente para os entes políticos até para também apoiarmos as demandas, as atividades de interesse regional. Temos, por outro lado, várias atividades em curso. Projetos tocados juntamente com a Associação Comercial de Londrina (ACIL), com empresas privadas, com o setor público.

O Núcleo Interdisciplinar de Gestão Pública (NIGEP) é só um exemplo de atividade técnico-científica que qua-

lifica a prestação de serviços públicos. Há outras que possibilitam o desenvolvimento tecnológico com rapidez e eficiência como o acordo entre a UEL e a Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), oficializado neste mês de junho para o desenvolvimento de um bioinseticida para a ferrugem da soja. O acordo ainda envolve uma empresa privada da área de ativos biológicos.

Nós temos a capacidade, precisamos mostrar isso e a sociedade, de alguma forma, precisa compreender que podemos ajudar a incrementar, fomentar a economia. A UEL está preparada para isso, pela qualidade do corpo técnico.

NOTÍCIA – *Que recado gostariam de deixar neste início de trabalho?*

MARTA – Paulo Freire diz que é ontologicamente esperançoso. Nós acreditamos na Universidade. Acreditamos que é possível fazer um trabalho à frente da Reitoria e que é possível fazer isso em parceria, em um exercício coletivo. Queremos que todos venham juntos nessa luta, não é a Administração sozinha. Nós somos representantes dessa instituição, das reverberações dos conselhos constituídos que representam a comunidade como um todo.

O que gostaria de evidenciar é que temos a esperança de fazer alguma coisa, a partir do projeto que estabelecemos e que foi validado pela comunidade quando nos escolheu para representá-los como gestores. Sei que o período é desafiador, muito difícil, mas podemos pensar alternativas juntos, nós e a comunidade. Tudo a partir daquilo que a gente sabe fazer – trabalhando em prol da Universidade. É uma mensagem de esperança, temos condições de pensar e executar alternativas. Queremos juntos planejar e fazer pela Instituição. Não é a Marta e o Airton, é cada um fazendo seu trabalho tentando identificar e ajudando a pensar. Juntar forças e não dividir. Somos todos UEL.

AIRTON – A UEL com seus diferentes matizes internas tem pessoas que estão sempre pensando em como melhorar o lado de fora, a sociedade. Qualquer um aqui sonha com isso. A Universidade busca sempre efetivar sonhos que estão lá fora. O sonho é servir com qualidade, com formação, fazendo inclusão. Capacitando, qualificando. O papel dessa gestão é operacionalizar esses sonhos.

MARTA – Vamos juntos lutar pela Instituição. Que ela continue pública, gratuita, inclusiva, diversa e que possa de fato garantir a sua natureza. Essa é a nossa luta conjunta.

Conheça a equipe de pró-reitores

Administração e Finanças (PROAF)
Azenil Staviski

Recursos Humanos (PRORH)
Leandro Altimari

Planejamento (PROPLAN)
Sérgio Carvalho

Graduação (PROGRAD)
Ana Márcia Fernandes Tucci de Carvalho

Pesquisa e Pós-graduação (PROPPG)
Sílvia Márcia Ferreira Meletti

Extensão, Cultura e Sociedade (PROEX)
Zilda Aparecida de Freitas Andrade

Prefeitura do Campus – Luiz Cláudio Buzeti

Projeto investiga teorias da conspiração no ambiente digital

Desenvolvido no âmbito do GECCE, projeto coordenado pelo professor Moisés de Oliveira se dedica a investigar teorias da conspiração no âmbito científico nas redes digitais

WILLIAN FUSARO

Quem nunca ouviu dizer que a terra seria plana? Ou que o coronavírus teria sido criado por meio de modificações genéticas em laboratórios chineses, com o objetivo de atacar a civilização judaico-ocidental? Essas e outras teorias da conspiração – que, se não são novas, são readaptadas de outras teorias – são objeto de estudo do projeto “Quem tem medo de teorias da conspiração? Investigação de conspirações tecnocientíficas em ambientes digitais sob a ótica da teoria ator-rede”, coordenado pelo professor do Departamento de Química, Moisés Alves de Oliveira.

As teorias da conspiração, como explica outro integrante do projeto e doutorando em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PECEM), Leonardo Soares de Melo, não são necessariamente novas, apesar de estarem em alta ultimamente, fenômeno explicado em certa medida pela potencialidade de alcance da internet. Muitas narrativas falsas, como a da terra plana, têm em seu conteúdo diversas teorias da conspiração, que usualmente partem da suposição de uma conspiração maléfica promovida por um grupo específico contra indivíduos ou coletivos.

“No caso da terra plana, partiriam dessa ideia, comprovadamente falsa do ponto de vista científico, para dizer que há, por exemplo, um complô de bilionários, ocultado pela NASA, que nos forçaria a acreditar que a Terra teria formato geoidal”, explicou o pesquisador. Essas teorias, ainda segundo Leonardo, não seriam caracterizadas por serem falsas necessariamente. “O que caracteriza uma teoria da conspiração é sua capacidade de ir além de um discurso falso, adaptar-se a uma narrativa atual e corrente e parecer factível”, explicou.

“Neste campo (das teorias da conspiração), a ciência está desguarnecida do seu discurso de verdade. É um campo de debate político, não-racional, então é interessante notar como o discurso científico se adapta a essa nova realidade”, afirma o professor Moisés

“TEORIAS” MALEÁVEIS

Leonardo analisa em sua tese de Doutorado teorias da conspiração no ambiente digital, em sites e redes sociais, com foco no Facebook. Ele explica que as teorias da conspiração surgiram com mais força no pós-guerra, delineadas epistemologicamente pelo filósofo liberal Karl Popper, mas investigadas em nível multidisciplinar por iniciativas de cunho sociológico, psicológico e cultural. Em termos gerais, o que caracterizaria essas “teorias” é a suposição de um complô, além do fato de serem “maleáveis” e estarem sempre no campo da dúvida: para um teórico da conspiração clássico, o importante é que sua “teoria” esteja sempre em voga e não seja facilmente refutada por estar, sempre, no campo da suspeita. “O que importa não é a validade da teoria, mas, sim, sua provável validade, aliada ao complô que a faz existir”, diz.

Um dos exemplos envolve a vacinação contra a COVID-19. A explosão da pandemia fez voltar à tona uma série de teorias conspiratórias, como a pressuposição de que a vacinação causaria autismo. No entanto, essa teoria não é nova: em 1998, nos EUA, um médico já havia se tornado notável por difundir, na revista científica Lancet, o resultado enganoso de que a vacina da tríplice viral causaria autismo. O artigo foi posteriormente retratado e o médico teve sua licença cassada após ter sido comprovada sua ligação com uma empresa rival de produção de vacinas. Esse discurso, descolado do tempo histórico, adaptou-se à atualidade, nas vozes dos conspiradores anônimos e públicos da internet.

A teoria QAnon é outro exemplo bastante conhecido. Desenvolvido por conspiracionistas de extrema-direita dos EUA, a QAnon propaga que existe uma cabala secreta mundial, formada por canibais, pedófilos e traficantes



“O que caracteriza uma teoria da conspiração é sua capacidade de ir além de um discurso falso, adaptar-se a uma narrativa atual e corrente e parecer factível”, explica Leonardo.

sexuais de alta estirpe, alguns deles infiltrados no governo dos Estados Unidos. A figura do ex-presidente Donald Trump, segundo esses conspiracionistas, emergiria para combater esse complô contra as crianças do mundo – em especial as da civilização judaico-cristã ocidental.

Outro terreno fértil para a profusão de teorias conspiratórias é a questão ambiental: com a criação de cúpulas climáticas para encontrar uma saída para o aquecimento global, proliferaram teorias que diziam que o aquecimento global seria um complô mundial para frear o desenvolvimento econômico e social dos países de primeiro mundo, em especial dos Estados Unidos. A negação da emergência dos problemas climáticos apresenta vasta aceitação de movimentos negacionistas também no Brasil.

CARTOGRAFIA DAS CONTROVÉRSIAS

Como lidar com a infinidade de discursos, propagada nas redes sociais e nos sites noticiosos, com rigor científico? Para lidar com a profusão de dados, o projeto parte da cartografia das controvérsias, metodologia proposta pelo antropólogo francês Bruno Latour. O método parte do mapeamento das disputas públicas e

de como essas disputas fazem emergir diferentes discursos.

No ambiente digital, foi necessário, ainda, estabelecer alguns outros métodos. Como a internet não é um espaço inerte, em que as relações entre o objeto aparecem como dadas, mas um espaço vivo, os pesquisadores partem dessas redes para mapear os processos atrelados à fabricação social dessas teorias da conspiração.

A CIÊNCIA E A POLÍTICA

Para o coordenador do projeto, é interessante observar como a ciência se comporta em meio às disputas com as teorias conspiratórias. “Neste campo (das teorias da conspiração), a ciência está desguarnecida do seu discurso de verdade. É um campo de debate político, não-racional, então é interessante notar como o discurso científico se adapta a essa nova realidade. Estar em posse de fatos e evidências não basta nesse terreno”, afirmou Moisés.

O projeto sobre as teorias da conspiração integra o Grupo de Estudos Culturais das Ciências e das Educações (GECCE). Também coordenado por Moisés, o GECCE reúne pesquisadores que se dedicam a estudar as interfaces das culturas e das ciências, com abordagem interdisciplinar.

Renovação de matrícula

A Pró-Reitoria de Graduação da UEL abriu o prazo para que estudantes realizem a renovação de matrícula. Os alunos têm até o dia 23 de junho para fazer a rematrícula, exclusivamente online, no Portal do Estudante de Graduação. A renovação é obrigatória para estudantes da Graduação regularmente matriculados, bem como para os que trancaram a matrícula de seus

cursos no ano passado.

Caso o estudante não tenha acesso a equipamentos e à internet, pode agendar um horário para utilizar o computador da Prograd. O link para renovação fica disponível assim que o aluno acessar o Portal do Estudante. Os desistentes podem realizar a rematrícula na opção Serviços Sem Autenticação.

Isenção Vestibular 2023

A Coordenadoria de Processos Seletivos (COPS) divulga a abertura do período de isenção ou desconto da taxa de inscrição do Vestibular 2023 da UEL. Os pedidos podem ser feitos por duas modalidades: Número de Identificação Social (NIS) do CadÚnico, no período de 6 a 15 de junho; e Análise Socioeconômica, de 11 a 15 de julho. A solicitação é pelo site www.cops.uel.br.

As inscrições do Vestibular 2023 serão realizadas de 25 de agosto a 10 de outubro. As provas serão aplicadas em duas etapas: dia 5 de março (1ª fase) e dias 2, 3 e 4 de abril (2ª fase). O resultado da 1ª convocação será em 2 de maio, com início do ano letivo para meados de 2023.

Informação e Mediação

Dialogar sobre pesquisas e investigações que têm como foco a mediação e a informação. Este é o objetivo do 4º Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação (IV EPIM), que será realizado entre os dias 23 e 25 de junho.

O EPIM é voltado para pesquisadores, profissionais, docentes e estudantes de pós-graduação e de graduação

dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Comunicação, Educação, Museologia e áreas afins. A programação contará com palestras, mesas redondas e apresentações de trabalhos, que serão apresentados pelo Google Meet. A conferência de abertura e as mesas serão transmitidas pelo YouTube.

evento virtual
4º EPIM Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação
 23, 24 e 25 de Junho de 2022
 unesp UFPA UEL

Pesquisa e Direito

Será realizado, de 23 a 30 de junho, o VII A Pesquisa e o Direito, que tem como objetivo aprofundar e conhecer as ferramentas para a eficiência na pesquisa jurídica. O evento será síncrono pelo Google Meet e serão atribuídas tarefas pelo Google Class. Os encontros síncronos serão nos dias 23,27,28,29,30 de junho às 19h. As inscrições estão abertas e podem ser feitas até o evento. Mais informações podem ser obtidas com Beatriz, pelo e-mail: brlbarbon@gmail.com.

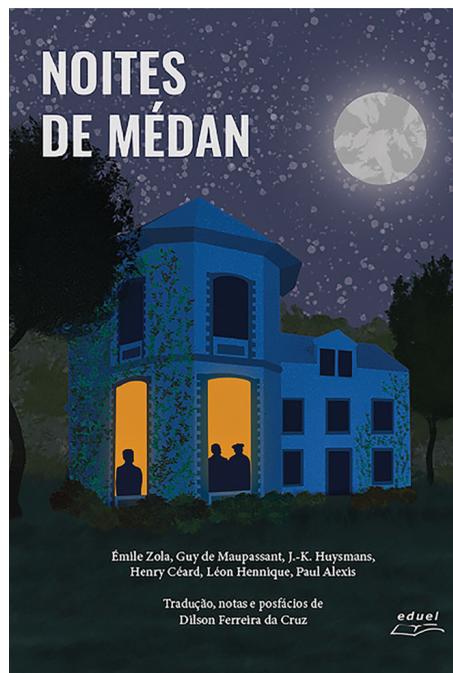
Filosofia Política e Jurídica

O curso de Especialização em Filosofia Política e Jurídica da UEL está com inscrições abertas. Estão disponíveis de 30 a 50 vagas, tendo como público-alvo profissionais do Direito, Filosofia, Administração, Sociologia, Pedagogia, Psicologia, Serviço Social, Economia e Jornalismo. As inscrições seguem até as 16h do dia 6 de julho, via internet.

As atividades terão início em agosto de 2022 e término em dezembro de 2023, sendo dois semestres com aulas e um semestre para desenvolvimento da pesquisa de conclusão de curso. As aulas serão ministradas aos sábados, em período integral, de forma remota e síncrona.

FILOSOFIA POLÍTICA E JURÍDICA - UEL
 Pós-Graduação Latu-Sensu
 INSCRIÇÕES ABERTAS!
 Especialização em Direito do Estado
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA FILOSOFIA E DAS CIÊNCIAS JURÍDICAS

PRATELEIRA EDUEL



“Noites de Médan”

Autores: Émile Zola, Guy de Maupassant, J.K. Huysmans, Henry Céard, Léon Hennique, Paul Alexis
Tradutor: Dilson Ferreira da Cruz

Entre 19 de julho de 1870 e 28 de janeiro de 1871, a França e os estados alemães liderados pela Prússia envolveram-se em uma guerra na qual a França foi duramente derrotada. O resultado, para os franceses, foi terrível: cerca de 140 mil mortos, mais de 474 mil prisioneiros e a perda da quase totalidade da Alsácia-Lorena. Além disso, Paris foi cercada pelas tropas prussianas entre setembro de 1870 e janeiro de 1871. Um terço do território francês foi ocupado até 1873

e a França teve de pagar uma indenização de 5 bilhões de francos à Prússia. A derrota causou ainda a queda do II Império Francês e o surgimento da Comuna de Paris, cuja repressão resultou na morte de 7.500 franceses, cifra que ainda hoje é objeto de controvérsia. Do lado da Prússia, o resultado foi a morte de cerca de 51 mil soldados e o surgimento do Império Alemão, que assim se constituía em uma nova potência, a rivalizar com a Inglaterra, a Rússia e, naturalmente, a França. Como se vê, a Guerra Franco-Prussiana contribuiu para a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Os seis contos deste volume apresentam seis visões do conflito em perspectivas muito diferentes, que têm em comum a condenação da Guerra Franco-Prussiana e de todas as guerras. Noites de Médan é uma obra-prima que se notabiliza pelo seu caráter antibelicista e por revelar escritores que se tornariam importantes nomes da literatura francesa nos anos seguintes.

Valor: R\$ 70,00 (físico)
 R\$ 35,00 (e-book)

“Psicologia: - avaliação e intervenção analítico-comportamental”

Autores: Carlos Eduardo Costa, Sílvia Regina de Souza e Verônica Bender Haydu

Este livro apresenta uma coletânea que inclui relatos de pesquisas, programas de intervenção e relatos de experiências produzidos por estudiosos da Psicologia e analistas do comportamento. A obra tem como diferencial a aplicação dos princípios da Análise do Comportamento a diversos contextos da atuação do psicólogo. Trata-se de uma obra que vai interessar a estudantes, a pesquisadores e ao psicólogo como profissional, incluindo aqueles que atuam em contextos da psicologia do trânsito, da psicologia clínica, organizacional e educacional.

Valor: R\$72,00 (físico)
 R\$36,00 (e-book)

Psicologia avaliação e intervenção analítico-comportamental

Carlos Eduardo Costa
 Sílvia Regina de Souza
 Verônica Bender Haydu



Livraria Eduel
 Entre em contato - saiba a política de descontos
 e-mail: livrariaeduel@uel.br



Experimentar, criar e formar

Projeto amplia e democratiza o acesso à arte ao mesmo tempo em que curriculariza a atividade de extensão

BEATRIZ BOTELHO

Um tecido de mais de oito metros de comprimento é pintado toda semana por muitas mãos e com as mais diversas cores. As cores primárias vermelho, azul e amarelo se misturam com muitas outras e formam uma obra conjunta, de autoria de todos os participantes da oficina, ministrada às quintas-feiras pelos estudantes de Artes Visuais, no ateliê de escultura no Centro de Educação, Comunicação e Arte (CECA). A proposta é fazer e refazer a obra livremente, sem um resultado final previsto, e depois levá-la para a exposição em praças e locais públicos da cidade. Tudo isso é parte de um projeto de extensão que tem como objetivo democratizar o acesso e o contato de mais pessoas com a arte.

A influência para criar o projeto vem da proximidade que o professor Juliano Reis Siqueira (Departamento de Arte Visual) teve com o artista uruguaio Silvestre Peciari Basiaco (1935-2017), que foi seu professor na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). No Doutorado, entre 2015 e 2019, Juliano pesquisou a formação do artista e a relação entre os processos de criação e a função social da arte. No espaço da instituição também se de-

parou com a produção artística sendo levada para murais e espaços públicos, para que a população interagisse com a arte - muito por influência do artista. "Peciari tem murais e esculturas em Santa Maria que são patrimônios da Universidade", afirma.

Foi com esta ideia que iniciou em 2020 o projeto de pesquisa "Peciari e a formação do artista" integrado



ao projeto de extensão "Oficinas de artes visuais em Londrina: pesquisa plástica e arte pública". O intuito é democratizar o acesso à arte e articular investigação e docência na formação dos estudantes de Artes Visuais, com a curricularização da extensão.

PROJETO DE EXTENSÃO

Três pontos principais envolvem o projeto de extensão, em relação a diferentes públicos: oficinas de arte, pesquisa plástica e arte pública. Como explica Juliano, as oficinas são realizadas em escolas da cidade e nos ateliês de arte da UEL, abertas para todas as pessoas que se interessam por arte. Essa é a parte em que elas podem fazer com as próprias mãos.

Já a pesquisa plástica envolve a relação do estudante do curso de Artes Visuais, para desenvolver o próprio processo poético em desenho, escultura e pintura. O professor considera que desenvolver a pesquisa plástica é um pré-requisito para ser professor de Arte,

por isso a relevância deste ponto para a formação em licenciatura. Este é o momento de experimentação para desenvolver um processo de criação.

A arte pública pode ser o desdobramento das oficinas ou das pesquisas dos estudantes. Atingir os espaços públicos é uma estratégia de aproximação das pessoas que não vão aos museus e exposições. Esta é a parte do ver e fruir a arte no cotidiano.

Os três pontos estão presentes na oficina "Experiência e Cor", em que o grande tecido é pintado por vários participantes. Ministrada pelo estudante do 4º ano de Artes Visuais, Marcos Okuda, a experiência do projeto será utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), juntamente com a relação entre outras obras feitas por ele, que utilizam diversas cores. Marcos quer "valorizar a experiência corporal com a matéria e deixar que as pessoas experimentem a cor". O resultado é um painel portátil que pode ser levado para os espaços públicos da cidade.

ATELIÊ LIVRE

Como forma de ampliar as oficinas, o professor Juliano Reis Siqueira firmou uma parceria interinstitucional com o Estúdio de Pintura Apotheke, um projeto de extensão coordenado pela professora Jocielle Lampert, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). No Apotheke Londrina serão realizadas oficinas de arte na forma de um ateliê livre para comunidade, no espaço do CECA.

A inauguração está prevista para o mês de agosto, quando será realizada uma grande exposição na galeria de arte do CECA. As obras criadas nas oficinas do projeto de extensão e de diversos artistas plásticos, incluindo gravuras e pinturas de Peciari, estarão expostas no evento para que toda a comunidade de Londrina possa visitar, apreciar e ter contato com a arte.



Professor Juliano: "As oficinas são abertas para todas as pessoas que se interessam por arte".